



KnoWhy #717

Fevereiro 28, 2024



## Por que o povo de Néfi queria que ele fosse seu rei?

*“E aconteceu que eles desejavam que eu fosse seu rei. Eu, Néfi, não desejava, porém, que eles tivessem um rei; não obstante, fiz por eles tudo quanto estava em meu poder.”*

2 Néfi 5:18

### O conhecimento

Quando Néfi e “todos os que quisessem segui[-lo]” fugiram de seus irmãos mais velhos e de suas intenções assassinas, eles chegaram a uma nova terra e construíram uma cidade em um lugar que chamaram de Néfi (2 Néfi 5:6-8). O povo até se autodenominava Néfi, e Néfi diz que “desejavam que eu fosse seu rei” (2 Néfi 5:18). Gregory Steven Dundas observou: “Aparentemente, havia um desejo geral de que Néfi fosse seu rei”.

Até então, Néfi já havia atuado como seu líder, ensinando-os a trabalhar em vários ofícios e organizando seu trabalho para grandes projetos de construção. Até se referiu a eles como “meu povo” (2 Néfi 5:15-17). Não está claro o que motivou o povo a

desejar um rei e como esse papel diferia da liderança que Néfi já exercia. Talvez essa tenha sido sua maneira de seguir o conselho de Leí de “[dar] ouvidos à voz de Néfi” (2 Néfi 1:28). Eles também podem ter aprendido com reis justos como Josias e Ezequias a partir das placas de latão e esperavam que Néfi pudesse imitar a liderança desses reis.

Dundas sugere que, em sua petição, eles “simplesmente agiam como um povo antigo comum”. A esse respeito, é interessante notar que outros povos antigos da América pré-colombiana começaram a adotar uma forma primitiva de realeza por volta dessa época. Brant A. Gardner formulou a hipótese de que

“o desejo dos primeiros nefitas de ter um rei refletia a ascensão de reis ao redor da cidade de Néfi”.

Nas últimas décadas, os especialistas observaram que a evolução inicial que levou à centralização da autoridade e da realeza na Mesoamérica começou mais cedo do que se pensava anteriormente. David Webster observou que entre os maias, esses avanços começaram entre 650 e 400 a.C.. Por exemplo, Richard Hansen apontou isso no início do primeiro milênio a.C., na bacia do Mirador, na Guatemala, “uma hierarquia embrionária de liderança e status” começou a surgir, com claros “símbolos de status hierárquico” atestados por volta de 600 a.C.. Então, entre 600 e 400 a.C., a realeza evoluiu a ponto de serem construídas estruturas piramidais e, com o amadurecimento da realeza, um novo objetivo importante passou a ser a organização econômica e social de forças de trabalho massivas para construir uma arquitetura ritualmente significativa.

Da mesma forma, os primeiros desenvolvimentos são testemunhados nas terras altas do sul da Guatemala. Por exemplo, no local de Naranjo, a cerca de três quilômetros da antiga Kaminaljuyú (na atual Cidade da Guatemala), um monumento de pedra em um grande centro cerimonial construído entre 750 e 400 a.C. sugere que, se não é totalmente uma realeza, pelo menos “alguma forma de autoridade centralizada desempenhou um papel fundamental na construção e controle de Naranjo”. Robert J. Scharer e Loa P. Traxler observaram que “o aparecimento de [tais] monumentos públicos marca o início da instituição da realeza divina na sociedade maia”. Por volta de 400 a.C., “os primeiros governantes maias começaram a dedicar estelas esculpidas como testemunhos públicos de sua legitimidade política”, como evidenciado por uma estela desse período em Kaminaljuyú.

Segundo Webster, “alguns arqueólogos acreditam que as convenções ideológicas e iconográficas básicas da realeza se originaram em centros montanhosos como Kaminaljuyú”. Curiosamente, vários especialistas santos dos últimos dias, levantam a hipótese de que a cidade de Néfi ficava em ou perto de Kaminaljuyu” Se isso estiver correto, explica Gardner, “o Livro de Mórmon coloca a realeza de Néfi no lugar certo para as formas mesoamericanas nascentes de realeza, embora em um estágio inicial de seu desenvolvimento. [...] Na cidade de Néfi, vemos evidências da tendência geral para a realeza que

continuará em outras comunidades mesoamericanas”.

## O porquê

No Velho Testamento, quando os israelitas pediram a Samuel que nomeasse “um rei sobre nós, para que ele nos julgue”, seu motivo era que eles pudessem ser “como [...] todas as nações” ao seu redor (1 Samuel 8:5, 20; ver Deuteronômio 17:14). Dada a evidência de autoridade centralizada e dos primeiros governantes semelhantes a reis que surgiram na época de Néfi no Novo Mundo, o povo primitivo de Néfi pode ter estado em uma situação semelhante à dos primeiros israelitas. De fato, alguns povos indígenas de outras nações podem ter se assimilado ao povo de Néfi, o que proporcionou pressões internas para se adequar a essa tendência política mais ampla.

Assim como o profeta Samuel ficou “descontente” com o fato de o povo de Israel pedir um rei, Néfi “não desejava, porém, que [seu povo tivesse] um rei” (1 Samuel 8:6; 2 Néfi 5:18). Talvez a relutância de Néfi se devesse à sua familiaridade com esse importante relato da história israelita e ao seu conhecimento do terrível estado espiritual de Judá no final da monarquia hebraica.

No caso de Samuel, depois de consultar o Senhor, ele concordou com o pedido do povo por um rei (1 Samuel 8:7, 22). Da mesma forma, Néfi parece ter finalmente aceitado o cargo de rei de seu povo (2 Néfi 6:2; Jacó 1:11). No entanto, o caso de Néfi era diferente em um aspecto importante: quando os israelitas se aproximaram de Samuel, pediram que ele escolhesse um rei; quando os nefitas se aproximaram de Néfi, pediram que ele fosse rei. Assim, os israelitas, pelo menos até certo ponto, rejeitaram a liderança do Senhor por meio de seu profeta — como o Senhor disse a Samuel: “não te têm rejeitado a ti, antes a mim me têm rejeitado para eu não reinar sobre eles” (1 Samuel 8:7).

Em vez disso, o Senhor escolheu divinamente Néfi para ser “governante e mestre” (1 Néfi 2:22; 2 Néfi 5:19). Portanto, ao procurar coroar Néfi como seu rei, o povo estava aceitando o governante escolhido pelo Senhor e, portanto, estava abraçando, em vez de rejeitar, o direito do Senhor de reinar sobre eles. Isso é reforçado pela maneira como os reis nefitas justos,

começando pelo próprio Néfi, aderiram aos critérios de realeza estabelecidos pelo Senhor em Deuteronômio 17:14–20.

O relato de Samuel descreve negativamente a escolha dos israelitas de serem governados por um rei, mas outras partes das Escrituras oferecem uma perspectiva diferente. O livro de Juízes contém relatos escabrosos que, segundo muitos especialistas, pretendiam ilustrar a perigosa anarquia que reinava antes da ascensão da monarquia. Assim, a realeza não está isenta de benefícios. Como Gardner escreve, “os reis surgem porque são úteis” ou pelo menos parecem assim para certos grupos de interesse. Dundas argumenta que, no Livro de Mórmon, o sistema de juízes é realmente menos eficaz na manutenção da ordem social do que a monarquia anterior, mas é preferível porque fornece aos indivíduos maior responsabilidade espiritual.

Como Alma e Mosias explicariam mais tarde, os homens justos que estabelecem as leis de Deus podem ser benéficos como reis para o povo (Mosias 23:8; 29:13). Com exceção do rei Noé, todos os reis nefitas mencionados no registro são considerados justos. No entanto, nem sempre é possível garantir que os homens justos ascendam ao trono. O próprio Alma testemunhou em primeira mão a opressão que um rei maligno pode impor a um povo, e Mosias soube dos horrores que um reinado injusto pode produzir através do registro dos Jareditas. O irmão de Jared advertiu os primeiros Jareditas contra a realeza, dizendo: “Isto seguramente conduz ao cativo” — uma verdade confirmada nos anais sangrentos da história Jaredita.

Isso levou Mosias a se afastar da monarquia e adotar um sistema de juízes antes que as “tristes experiências” dos nefitas ou “o curso dos eventos humanos” o obrigassem a agir sobre o assunto.<sup>26</sup> No entanto, Mosias sabia que mesmo essa forma de governo mais democrática não era imune à corrupção, e advertiu que, se chegasse o momento em que “em que a voz do povo escolher iniquidade, então os julgamentos de Deus recairão sobre vós” (Mosias 29:27).

Portanto, o Livro de Mórmon ensina que, em qualquer forma de governo, o que importa é a classe de homens e mulheres em posições de poder e o desejo do povo de escolher o que é certo. Consequentemente, todas as pessoas que vivem em todas as nações hoje devem trabalhar dentro de seus direitos para buscar homens

e mulheres justos como líderes governamentais e cívicos, assim como o povo primitivo de Néfi fez ao desejar que Néfi se tornasse seu rei.

## Leitura complementar

Brant A. Gardner, *Traditions of the Fathers* (Salt Lake City, UT: Greg Kofford Books, 2007), pp. 184–189.

Taylor Halverson, “Deuteronomy 17:14–20 as Criteria for Book of Mormon Kingship”, *Interpreter: A Journal of Latter-day Saint Faith and Scholarship* 24 (2017): pp. 1–10.

Gregory Steven Dundas, “Kingship, Democracy, and the Message of the Book of Mormon”, *BYU Studies Quarterly* 56, no. 2 (2017): pp. 7–58.



© Central do Livro de Mórmon, 2024

## Notas de rodapé

1. Gregory Steven Dundas, “Kingship, Democracy, and the Message of the Book of Mormon”, *BYU Studies Quarterly* 56, no. 2 (2017): p. 18.
2. Dundas, “Kingship”, p. 18.
3. Brant A. Gardner, *Traditions of the Fathers* (Salt Lake City, UT: Greg Kofford Books, 2015), p. 185.
4. David Webster, *The Fall of the Ancient Maya* (New York, NY: Thames and Hudson, 2002), p. 44. Da mesma forma, Linda Schele e Peter Mathews, *The Code of Kings: The Language of Seven Sacred Maya Temples and Tombs* (New York, NY: Scribner, 1998), p. 17, descrevem o surgimento de “reis antigos, chamados ahaw” no contexto de desenvolvimentos datados de cerca de 500 a.C..
5. Richard D. Hansen, “Kingship in the Cradle of Maya Civilization: The Mirador Basin”, in *Fanning the Sacred Flame: Mesoamerican Studies in Honor of H. B. Nicholson*, ed. Matthew A. Bost e Brian D. Dillon (Boulder, CO: University Press of Colorado, 2012), pp. 145–147.
6. Bárbara Arroyo, “The City over the City: Kaminaljuyu and Urbanism”, in *Early Mesoamerican Cities: Urbanism and Urbanization in the Formative Period*, ed. Michael Love e Julia Guernsey (Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 2022), pp. 124–125.
7. Robert J. Sharer com Loa P. Traxler, *The Ancient Maya*, 6ª ed. (Stanford, CA: Stanford University Press, 2006), p. 724. Curiosamente, a eleição de Néfi como rei também pode estar relacionada ao fato de que ele “tinha emblemas físicos de seu direito de governar”. Os lamanitas ficaram furiosos gerações depois porque Néfi “roub[ou]” as placas de seus irmãos, indicando que elas eram significativamente valiosas (Mosias 10:16). Isso pode ser devido ao seu valioso propósito como “história da linhagem”, uma maneira importante de justificar o governo político. John Sorenson, *Mormon’s Codex* (Salt Lake City, UT: Deseret Book, 2013), pp. 198–218. Na verdade, alguns sugerem que os pequenos pratos de Néfi eram uma história de linhagem menor destinada a justificar seu governo sobre seus irmãos. Ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, “Por que Néfi escreveu em placas menores? (1 Néfi 9:4)”, *KnoWhy* 11, (11 de janeiro de 2017.) Gardner observa que símbolos de governo e emblemas de soberania são temas repetidos nos registros mesoamericanos, e vemos em todo o Livro de Mórmon como a espada de Labão, a Liahona e as placas de metal são preservadas por

- (e posteriormente validadas por) líderes políticos e espirituais nefitas. Gardner, *Traditions of the Fathers*, pp. 187–188.
8. Share e Traxler, *Ancient Maya*, pp. 182, 184, fig. 5.1.
  9. Webster, *Fall of the Ancient Maya*, p. 44.
  10. Ver Gardner, *Traditions of the Fathers*, pp. 164–168. Ver também Daniel Johnson, Jared Cooper, and Derek Gasser, *An LDS Guide to Mesoamerica* (Springville, UT: Cedar Fort, 2008), pp. 25–29 (side comment); John Sorenson, *An Ancient American Setting for the Book of Mormon* (Salt Lake City, UT: Deseret Book, 1985), p. 141; Sorenson, *Mormon's Codex*, p. 131; Garth Norman, *Book of Mormon-Mesoamerican Geography: History Study Map* (American Fork, UT: ARCON, 2008), 31 no. 48; Joseph L. Allen e Blake J. Allen, *Exploring the Lands of the Book of Mormon* (American Fork, UT: Covenant Communications, 2011), pp. 720–721; F. Richard Hauck, *Deciphering the Geography of the Book of Mormon* (Salt Lake City, UT: Deseret Book, 1988), p. 9, coloca-o perto de Mixco Viejo.
  11. Gardner, *Traditions of the Fathers*, p. 186. Gardner argumenta que o Livro de Mórmon aparece um pouco mais cedo “porque temos informações textuais para seu início, em vez de sermos obrigados a esperar que a arquitetura monumental forneça a evidência arqueológica da realeza” (p. 187). Ver também Brant A. Gardner, *Second Witness: Analytical and Contextual Commentary on the Book of Mormon*, 6 v. (Salt Lake City, UT: Greg Kofford Books, 2007), 2: p. 106-107.
  12. Gardner, *Second Witness*, 2:107, observa que a nomeação de um rei e os enormes projetos de construção iniciados por Néfi sinalizam uma população muito maior do que apenas os seguidores de Néfi de sua família imediata. Como Néfi está relutante em se tornar rei, Gardner acredita que foram os povos indígenas do Novo Mundo que se juntaram à família de Néfi que mais se esforçaram para que ele se tornasse rei (2 Néfi 5:18).
  13. Dundas, “Kingship”, p. 18: “Néfi, como muitos dos líderes do Livro de Mórmon, tinha uma oposição fundamental ao governo dos reis. Havia uma tradição no pensamento hebraico que se opunha à realeza como uma intrusão desnecessária entre o povo e seu Deus, e Néfi parece tirar proveito dessa tradição.” Isso faz parte da explicação por que Brant Gardner sugere que foram as comunidades mesoamericanas que impulsionaram a instituição entre os nefitas e não o contrário. Gardner, *Traditions of the Fathers*, pp. 186–187. No entanto, a dinastia de Néfi também pode ser vista como uma extensão da realeza israelita que permaneceu um problema não resolvido até os dias do segundo Mosias: “O erro que os israelitas cometeram ao se converterem à liderança de reis (ver 1 Samuel 8-12) foi desfeito por governantes sábios [mais tarde] no Livro de Mórmon (ver Mosias 23 e 29).” Alan Goff, “Scratching the Surface of Book of Mormon Narratives”, *FARMS Review of Books* 12, no. 2 (2000): pp. 51–82.
  14. O profeta Samuel havia advertido os israelitas contra a realeza, mas o consentimento da maioria superou o conselho profético e Deus permitiu que eles se safassem. Vemos esse princípio de Deus se juntando ao nosso próprio preconceito em outros casos em que as pessoas tentam forçar a mão de Deus, como Joseph Smith pedindo permissão para compartilhar as 116 páginas até que seu pedido seja concedido a seu próprio custo (Doutrina e Convênios 3: 10). Compare D&C 88:65: “E se pedirdes alguma coisa que não seja para o vosso bem, tornar-se-á em vossa condenação”; ou Jacó 4:14: “E porque o desejaram, Deus o fez, para que tropecem”. No entanto, mesmo quando rejeitamos a vontade de Deus e as verdades superiores, Ele muitas vezes fornece um plano reserva e dá instruções para prosperar em um segundo cenário melhor. A escritura da restauração ensina que a lei de Moisés foi dada no lugar de uma lei maior porque Israel não estava preparado para isso. (Tradução de Joseph Smith, Êxodo 34; D&C 84:23–27).
  15. Noel B. Reynolds argumenta contra Néfi ser um rei em “Nephite Kingship Reconsidered”, in *Mormons, Scripture, and the Ancient World: Studies in Honor of John L. Sorenson*, ed. Davis Bitton (Provo, UT: FARMS, 1998), pp. 151–189. Gardner aborda o argumento de Reynolds em *Traditions of the Fathers*, 184n107. Parece provável que Néfi tenha aceitado o cargo de rei. Néfi começa seu registro chamando-o de “seu reinado e ministério”, e ele é repetidamente referido como um governante e professor potencial ou real sobre seus irmãos. Ver o subtítulo de Néfi de 1 Néfi e 1 Néfi 2:22; 3:29; 16:37–38; 18:10; 2 Néfi 5:3, 19; Jacó 1:9. No entanto, uma vez que ele reconhece que tinha sido um governante e mestre, geralmente evita o título de rei. Jacó se refere a Néfi como um protetor várias vezes e, portanto, alguns argumentaram que ele não era realmente um rei (2 Néfi 6:2; Jacó 1:10). A diferença parece nominal. Néfi ressalta que as placas maiores são para o “governo dos reis”, sobre o qual, já se começou a escrever, deve se ver como parte (1 Néfi 9:4). Jacó diz que o povo o considera “como um rei” e observa que Néfi unge o próximo rei, implicando que Néfi era de fato um rei (2 Néfi 6:2; Jacó 1:9–11).
  16. Por um lado, foi dito a Néfi que ele seria um governante por profecia em 1 Néfi 2:22. No entanto, vemos tanto nas Escrituras quanto na literatura que a profecia descritiva não transforma algo em uma ação moralmente prescrita, como Judas traindo Jesus ou Jeú quando lhe disseram que ele seria rei em 2 Reis 9:12 ou a história de Macbeth. Na verdade, Jacó e Leí escreveram sobre como essa nova terra seria uma “terra de liberdade” sem “reis nesta terra”, o que torna a decisão ainda mais interessante (2 Néfi 1:5-12; 10:10-16). Gardner explica isso como se referindo especificamente aos gentios. Gardner, *Second Witness*, 2: pp. 186–188.
  17. Ver Taylor Halverson, “Deuteronomy 17:14–20 as Criteria for Book of Mormon Kingship”, *Interpreter: A Journal of Latter-day Saint Faith and Scholarship* 24 (2017): pp. 1–10.
  18. Alan Goff discute isso em sua dissertação de mestrado: “Significativamente, a história começa com a declaração pró monarquista [...] “Naqueles dias, quando não havia rei em Israel [...] Juízes 19:1). O terceiro relato termina não apenas as três histórias sobre a tribo de Benjamim, mas o livro de Juízes com uma declaração semelhante: “Naqueles dias não havia rei em Israel; porém cada um fazia o que parecia reto aos seus olhos” (21:25). Essas três histórias são enquadradas com essas afirmações sobre a desintegração social e o mal. Com essa estrutura, esperamos ver todas as três histórias ilustrarem o princípio de que os israelitas fizeram o que era certo aos seus próprios olhos, mas errado aos olhos do Senhor. [...] Visto à luz da história de Saul [...] também entendemos a mensagem pró monárquica no final do livro de Juízes: é preciso um rei para unir as pessoas em torno de causas justas e evitar as injustas que acabamos de ler.” Alan Goff, “A Hermeneutic of Sacred Texts: Historicism, Revisionism, Positivism, and the Bible and Book of Mormon” (tese de mestrado, Universidade Brigham Young, 1989). Isso é semelhante ao argumento geral do contrato social exposto por Thomas Hobbes em *Leviatã*: “É, portanto, evidente que durante o tempo em que os homens vivem sem um Poder comum para mantê-los todos com medo, eles estão naquela condição que é chamada de Guerra; e tal guerra, como a de todo homem, contra todo homem.” Thomas Hobbes, *Leviathan* (London, UK: 1651; Project Gutenberg, 2002), pt. 1, cap. 13.
  19. As Escrituras também nos ensinam que a liderança vem naturalmente: “Deve, necessariamente, haver presidentes” (D&C 107:21). Além disso, não parece ser totalmente contraditório ter uma monarquia e uma terra de liberdade. Pelo menos um rei do Livro de Mórmon tem um firme decreto de tolerância religiosa (Alma 23:1). Em Romanos 13:1-7, Paulo também encoraja os santos romanos a se submeterem aos reis e os considera divinamente sancionados.
  20. Gardner, *Second Witness*, 6: p. 235.
  21. Dundas, “Kingship”, pp. 52–58.
  22. Platão também acreditava que “até que os filósofos sejam reis, ou os reis e príncipes deste mundo tenham o espírito e o poder da filosofia, e a grandeza política e a sabedoria se unam em uma só [...] as cidades nunca terão descanso de seus males”. Plato, *Republic*, trans. Benjamin Jowett (Mineola, NY: Dover, 2000), p. 141. A Apologia de Sócrates de Platão também funciona como um comentário sobre as possíveis falhas da democracia, semelhante a Mosias 29:27.
  23. De alguma forma, esperaríamos que a monarquia nefita (excluindo os zenifitas) degenerasse rapidamente, como aconteceu com os israelitas, judaítas, Jareditas e zenifitas. No entanto, os únicos reis nefitas descritos são preeminentemente justos: Néfi, os reis sem nome que o seguiram (Jarom 1:7), o primeiro Mosias, Benjamim e o segundo Mosias. Pode haver indícios de algum reinado injusto na degeneração moral sob o sucessor de Néfi, algumas das apostasias e guerras entre Jacó e Ômni (se a declaração de Jarom sobre reis não se aplicasse a todos os que vieram antes) e a fuga do primeiro Mosias da terra de Néfi. O fato de Mosias ter os sinais de realeza sugere que ele provavelmente estava na linhagem real e era descendente de Néfi, mas isso não está explicitamente confirmado. Ele pode ter sido unguido como um novo rei em Zarahemla após a queda de um rei nefita anterior. Gardner observa que os nefitas se esforçam para manter um ideal igualitário cristão, apesar de terem uma monarquia. Gardner, *Traditions of the Fathers*, pp. 188–189.

24. Mosias 23:6–13; 29:5–35; Éter 6:22–27; 7–15. Central do Livro de Mórmon: “O que os Jareditas têm a ver com o governo dos juízes? (Mosias 28:17)”, KnoWhy 106 (11 de maio de 2017)
25. Éter 6:23; ver Éter 7:5, 7, 17; 8:3–4; 10:14–15, 30–31; 11:9, 18–19, 23; 13:23.
26. Doutrina e Convênios 121:39; Thomas Jefferson et al. , 4 de julho de 1776, Cópia da Declaração de Independência.